

## MUDANÇAS NA GUINÉ

Como de costume parto do ponto de vista de Suzana, onde vivo e trabalho, apontando também algo a nível geral.

Elementos novos entrados na vida destas comunidades humanas nestas últimas décadas:

1. A economia da moeda. Quando tudo estava circunscrito na troca, era difícil roubar: cada qual conhece sua vaca, sua galinha, sua cabra etc. e a reconhece no meio de mil. E o Felupe era famoso por respeitar a propriedade alheia.

Entrou o dinheiro: não fala, é igual para todos, ninguém reconhece sua nota... e é fácil de esconder. Com poucos anos de atraso depois da independência, com a liberalização progressiva do comércio, apareceram muitos artigos compráveis.... e cada um procurou abastecer-se em dinheiro para os ter.

Nestes últimos anos também crianças tiveram acesso a fontes de ganho: ex. a castanha de cajú. As famílias não estavam preparadas para gerir esta nova situação da presença do dinheiro, nas mãos dos filhos de forma independente dos pais, com consequências absurdas: pais na necessidade e filhos muito jovens com bens voluptuários.... Mas voltaremos no assunto.

2. Não teria sido tão grave nem negativa a mudança introduzida pela moeda se, ao mesmo tempo, não tivesse havido também um desmoronar progressivo da moralidade e, juntamente, da autoridade dos anciãos

Quais os factores?

Lembro o afamado “Pelotão sessenta”: em 1970 começou o recrutamento massivo de tropa indígena por parte dos Portugueses. Quem se alistava tinha habitação, arroz, cerveja e dinheiro em quantidade. A qualidade das casas era pior da dos felupes, apesar de aparecer melhor: cobertas a zinco, mas sem tecto interior e sem segurança.

Contudo ditas casas encheram-se logo de “bajudas” e estas, por sua vez, também se “encheram”, foram engravidadas. Foi o princípio da libertinagem; o pior è que era instituída e ligada ao “ser tropa”, quer dizer encarnação do mito da força, muito prezada nestes meios.

3. Veio a independência, acompanhada por três factores:

a. o PAIGC tinha formação materialista, apesar de o materialismo teórico não ter fácil apego no africano, muito sensível a uma simbiose com o “espiritual”, quaisquer que sejam suas características (Histórico o discurso de Sekou Turé contra o “colonialisme spirituel” que quer separar o africano de Deus). De facto, no terreno, pelo menos nas áreas periféricas, identificaram a “cultura” moderna com o baile de jovens e bajudas, com consequências desastrosas: licença absoluta, crianças concebidas nas discotecas, menosprezo das repreensões dos anciãos. Naturalmente o PAIGC com a independência trouxe muita coisa positiva, mas nesta análise focam-se por enquanto estes aspectos.

b. Deslocação da autoridade: já não è dos homens grandes que estão próximos e me lembram a minha identidade e responsabilidades, mas è de quem faz política e entra a fazer parte da “casta” dos políticos (Foi dito: agora os Tugas somos nós e nós mandamos. E o povo lá fora a ver os novos grandes a se divertirem....).

c. Mais facilidade de viajar, tendo as estradas, com o fim da guerra, voltado a serem percorriáveis. Factor positivo debaixo de muitos aspectos, mas que, conjugado com aspectos deteriorados dos

precedentes, levou à fuga da autoridade tradicional sem que houvesse substituição de outros pontos certos de referência.

4. A escolarização. Nós sempre lutámos em favor da escola e aí de nós se o não fizemos. Todos conhecemos o valor da escola, a necessidade da cultura também neste sentido, sem a qual è também difícil que possa haver verdadeira democracia. Etc. etc.

Mas há um aspecto que, por estes lados, os Grande lêem e que nos deve fazer pensar, para procurarmos soluções positivas.

Houve resistência contra a escolarização. Porquê? As razões não eram todas negativas. Tento ler do lado do povo, dos pais.

a. A escola subtrai a eles os filhos. Numa economia organizada a nível de tabanca em que todos os elementos desde uma certa idade ainda “verde” têm seu quinhão de trabalho, a falta de uns peões traz desequilíbrios. Houve vontade de ultrapassar estas dificuldades enquanto eram ainda ultrapassáveis. Mais peso tinha este assunto em relação às bajudas, que em casa são de grande ajuda (há quem diga que são exploradas, depende dos pontos de vista e da quantidade dos serviços). Até certo ponto isto também foi ultrapassado.

Agora porém acontece ouvir mais vezes: “Pensávamos que a escola fosse uma boa coisa e ainda o queremos pensar. Porém a escola nos tirou os nossos filhos: todos querem continuar na escola, todos se vão embora para as praças quando ainda não estão prontos para enfrentar a vida; muitos não regressam; muitos nos trazem os filhos que arranjam lá fora até com desconhecidos e nós os devemos criar. Eles porém nem regressam para nos ajudar na lavoura”.

O que mais lhes pesa è verem que a escola serve para os professores ganharem o fim do mês (quando isso acontece): os filhos não aprendem nada, a não ser a se emanciparem da autoridade dos pais.

b. A impreparação dos professores e a falta de textos fiáveis e claros traz muita confusão na cabeça dos alunos, a todos os níveis. Se acrescentamos a fraca qualidade humana dos professores que deveriam ser educadores, nos damos conta dos resultados que detectamos nos alunos.

Ao mesmo tempo estamos vendo o florescer de escolas particulares, o nascer de universidades e o aparecer de uns quadros com certa formação. Elemento muito positivo, que precisa de reflexão e de valorização.

5. O jogo de certos políticos que aplicam o lema romano do “divide et impera” não faz que agravar a desconfiança inata nestas pessoas: sempre eu vi que os africanos que conheço são muito menos solidários do que se escreve: se se trata de membros da mesma família, podemos estar de acordo, mas quanto aos outros: ha um egoísmo e um individualismo exagerado. E traz falta de solidariedade e dificuldade de se acordar até para reivindicações comuns.

O querer aproveitar este facto para levantar uma etnia contra outra por finalidades políticas è um crime, e estão acontecendo debaixo dos nossos olhos.

Dvemos porém salientar que o comportamento do povo guineense revela o surgir duma consciência nacional, factor novo na forma e medida actual: as últimas eleições legislativas, felicitadas por todos, e a primeira parte das presidenciais interruptas (2012) dão a ver que este povo não está a se deixar arrastar na ratoeira do tribalismo, pelo menos na forma que certos políticos desejariam.

O que também se está revelando no sentido contrário ao individualismo pessoal e de clã é a solidariedade cada vez mais forte de jovens que se juntam para desporto, lazer etc. infelizmente quase nunca para produzir algo que sirva para o próprio povo.

Por estes lados subtraem cada vez mais tempo à ajuda a suas famílias para o trabalho “em equipa” que por si é positivo, vai em sentido contrário ao individualismo e pode ser de facto um arranque para novas conquistas no sentido do desenvolvimento; mas de facto condena os pais a proverem sozinhos à vida da família toda, inclusive os netos, enquanto os filhos juntam dinheiro para... as festas.

6. E aqui temos um elemento que está a ganhar cada vez mais terreno: a Guiné è uma republica baseada na festa. È escandalosa a forma de festejar. Qualquer motivo é bom e não há limites de tempo. O que mais importa é fazer festa. Com contorno de baile, de “mansida”, de consumo de alcol e de sexo. Isto foi aumentando nestes últimos anos e já chegou a proporções não justificáveis. Até é cada vez mais difícil manter um certo equilíbrio nas próprias festas cristãs: particularmente o elemento juvenil pega naquilo e já não há evangelho que consiga propor limites. E o calendário das festividades ocupa cada vez mais temporadas.... O discurso não acaba aqui: deve ser retomado a respeito da droga.

7. Um fenómeno que apareceu e se desenvolveu com força de maneira particular nesta última década è o da droga. O cannabis (iânbai) já existia, era até espontâneo em certas áreas. Cá nos nossos lados era cultivado pelo MFDC para se sustentar na luta armada no Casamance. Nestas áreas de fronteira temos jovens que queimaram o cérebro com o fumo da cannabis.

Na medida actual porém è uma coisa nova: condiciona também a vida política da Guiné.

È verdade que traz dinheiro, carros novos e prédios em Bissau.

Mas há um aspecto preocupante: os “serventes” da droga são bem pagos, geralmente são jovens até muito novos e, uma vez que tenham dinheiro na mão, potenciais consumidores. Nem só potenciais se lembrarmos o que se dizia há bocado acerca das festas. O facto è que, por exemplo em S. Domingos, há bastantes presenças e movimentos suspeitos, assim como factos de crónica que revelam que a droga não só passa, mas deixa rastros.

8. Se até umas décadas atrás, no meio rural, de tabanca, fazer-se cristão levantava oposições acirradas e represálias pesadas, agora parece que tudo esmoreceu. Para já não há muita gente que manifeste vontade séria de se tornar cristão ( o querer o Baptismo è outra coisa); mas também por parte dos outros não è que se manifestem reacções: parece haver mais indiferença. Talvez porque estão vendo que na segunda ou terceira geração ão parece haver muita diferença entre cristãos e não cristãos, pelo menos quanto a comportamento moral: todos fazem filhos com qualquer partner... Quanto à participação nas cerimónias tradicionais: a parte o fanado não parece haver muito interesse. Estou fazendo uma leitura por fora: há quem diz: nos pensávamos que vòs os cristãos faríeis isto e aquilo, mas o que vemos não è isto.

Devemos chamar de “indiferentismo” ? De “desilusão”? De “realismo”? Não sei. Quase tenho saudade de quando havia mais perseguições, que nos obrigavam a sermos mais autênticos. E mais unidos...

9. Apareceu cá por estes lados outro fenómeno, parecido com o precedente: a bricolagem religiosa. Acontece falar com pessoas que afirmam ter fé em Jesus, dizem até que fazem oração todas as vezes que precisam de sua ajuda: mas não querem saber nem de catequese, nem de ouvir algo mais

acerca dele, nem de o seguir numa qualquer forma “histórica”; poderíamos dizer: Cristo sim, Igreja não.

A bem ver não è só um fenómeno presente entre não cristãos: há cristãos também que pararam no Baptismo, que lhes deu direito de ser protegidos por Jesus, mas não querem outros compromissos: eles tratam directamente com Ele, sem precisarem de formalidades nem de “intermediários”!

10. Sempre a partir do nosso meio ambiente apareceu um fenómeno que nos faz pensar e que nos diz que, apesar de tantas coisas tortas, Deus está a avançar com seu trabalho. Na maioria das tabancas felupes nestas últimas décadas desapareceu a guerra, que tantos mortos fizera no passado. Tabancas inteiras que eram inimigas e tinham bastante contas em suspenso, resolveram deixar perder e se tornaram amigas seguindo as pegadas das minorias cristãs nelas existentes. Provavelmente não è só por causa do exemplo dos cristãos: pode ter influído o facto de frequentarem a mesma escola, de os jovens se encontrarem lá nas praças onde estudam, etc. Porém muitos, principalmente anciãos, declararam que fizeram isso por terem visto que era melhos ir atrás do que já faziam os cristãos.

11. Depois de muitos esforços ao longo dos anos que pareciam não ter resposta nenhuma, está a aflorar no meio das nossas famílias um novo sentido de responsabilidade na educação dos filhos e uma busca de novos meios, até trazidos da tradição e transformados, para a actuar. È um caminho que está ainda no começo e que esbarram em dificuldades reais (ver o n, 3), mas faz bem esperar.

12. Temos mais meios agora do que tínhamos há trinta anos. Somos mais organizados, até demais. Parece-me porém que há menos “garra”, menos “grip” dos pneus no terreno. Talvez houvesse discussões a mais em certos tempos, mas também se pesquisava, se procurava estudar, conhecer línguas e culturas. A impressão è que no nosso meio eclesiástico talvez tenhamos perdido esta “tensão”. Reuniões demais, deslocações demasiadas e “falta de tempo” e talvez de sossego para nos dedicar a isto... e a gestão do trabalho se faz um bocado “caótica”.. È verdade que antigamente havia pouca “pastoral de conjunto”, mas agora parece que façamos consistir a “pastoral de conjunto” em nos encontrar vezes e vezes seguidas, em vez de que em concordar umas linhas bem claras para trabalharmos na mesma direcção ..... e em nos lembrar de as pôr em prática..

13. E’ verdade que se quereria ver comunidades mais vivas (e em algumas isto nestes últimos anos está a aparecer), mas também è verdade que, as comunidades se multiplicaram. Mais ainda è verdade que ao longo das décadas, apareceram e aparecem figuras de leigos cristãos convictos, que assumiram e assumem seu ser cristãos, seu viver em comunidade, seu ser Igreja com fé e responsabilidade. Pessoas simples, que sabem sofrer por suas comunidades e que evidentemente são fruto do trabalho do Espírito Santo. Acompanhando a caminhada destas pessoas, às vezes de casais, tem-se a sensação que eles mesmo è que estão “traduzindo” não só em palavras de sua línguas, mas em factos da sua vida o próprio Evangelho.

Existem, as encontramos nas nossas comunidades, encontrei-as também no trabalho a nível de diocese; e são o tecido conectivo da nossa Igreja. Dantes era mais raro encontrá-las, agora não. Talvez seja este o caminho mais certo para “inculturar a fé”?

Suzana 26.05.2012

pe Zé

O que precede foi escrito em preparação ao encontro de 11-12.03.2014.

Tendo recebido o roteiro para a Assembleia de Maio 2014, acho bem acrescentar o seguinte para completar:

1. A África muda, os missionários mudam.

- a Missão que entrei é a que eu desejava, como manifestei a mons Pirovano quando me destinou, ao longo de um diálogo no Centro Pime em Milano a 4 de Setembro de 1967. Não sem uns elementos a sublinhar:
- Inevitável, faz parte da identidade do missionário a Kénosis (Fil. 2,6-11): esvaziar-se para se abrir a outras culturas, tornar-se “infans”, incapaz de falar e aprender outra vez de zero, uma, duas três vezes, sempre que for preciso: condição indispensável para se tornar interlocutor. Esta è uma das condições não expostas a mudança: sine cruce, nulla salus.
- Surpresa: a figura de p. Marmugi e sua metodologia missionária que percorria os tempos: sempre aberta à novidade, bem enraizada no Evangelho e na “Traditio” da Igreja, com forte sentido de Igreja.
- 
- As mudanças no País foram descritas nas folhas precedentes.
- - A cultura muda: muda nos cohecimenos e nas técnicas, menos nos valores e é sobre estes que tentamos estabelecer um diálogo, desde sempre e vamos contiuar. Estamos agora na fase da impositação do matrimónio e da família recuperando os valores da tradição felupe (POSITVOS!!!) e enxertando-os duma forma mais visível, orgânica e apetível na mensagem do Evangelho.
- Tentativa de entrar mais profundamente no diálogo entre cultura e Evangelho através duma tradução mais apropriada. Nisto estmos tentando colaborar com AMIDE dos Evangélicos.
- Intensificação da acção social para desenvolvimento do território, partilhando o KNOW – HOW adquirido ao longo dos anos e das tentativas feitas. Aparecem mais oportunidades: tentativas feitas em passado abortaram, pode ser por falta de perspectivas. Agora, depois de umas décadas, pode ser que algo pegue: por enquanto são simplesmente perspectivas, mas já apareceram pessoas prontas e determiadas a se envolverem. Por parte do pessoal da missão é precisa prudência e lembrar a idade de p. Zé..

2. RESPONDER ÀS NECESSIDADES ENTRE REALIDADE E DESEJO.

- Necessidades: -Recuperar um nível decente de hmanidade e de convivência humana
  - Assegurar uma perspectiva de desenvolvimento, subsistência e assunção de responsabilidade perante a própria sociedade (è minha, devo trabalhar para ela)

Prioridades:

- O Anúncio do Evangelho, que revela o homem a si próprio e lhe revela os outros como próximo, como irmãos
- Ainda o anúncio do Evangelho que revela a vida como abertura, vocação, chance: sempre que interiorizado.
- Promoção humana como:
  - resgate dos valores marcantes da cultura, mas em chave “moderna”, actualizada
  - tipo de escola “à medida humana” a propor aos alunos de sexta classe, para travar a “hemorragia” de juventude que inevitavelmente se perde na cidade na medida do 80%.

- sempre através de dita “escola”, seleccionar os sujeitos que serão ajudados a continuarem para estudos superiores.

Colaborar com os “projectos” que aparecem, disponibilizando o know how, como apontado mais acima.

- Com a abertura de S. Domingos e a saída de dois padres para lá: formar e treinar uma nova “equipa” que tome em cargo continue e actualize a caminhada feita pelas comunidades cristãs de Suzana.

### 3º NIVEL

As mudanças no Instituto e na Circunscrição: vivi estes últimos anos com um bocado de fadiga: novos métodos de pesquisa e discussão, linguagens novas a deciptar mais ou menos. Mas não val a pena de de fazer dramas.

A fadiga maior foi a nível de circunscrição: toda a caminhada da abertura de S. Domingos foi feita um bocado apressadamente e com pressão, e, o que è pior, com falta do suficiente diálogo: eu não me senti escutado nas propostas que tentei fazer e quanto às comunidades cristãs, ninguém dos “grandes” se lembrou de falar com elas. E elas o notaram. Serviu para uma catequese prática acerca do comportamento a ter na Igreja: nem que não partilhes uma decisão, farás todos os possíveis para que, uma vez tomada, tu colobaores para que seja aplicada com sucesso, sem perdas de tempo e sem ações de sinal contrário. Atrás não se volta: é história que avança e é história de salvação.

Importante è estarmos sempre prontos a adoptar as estratégias aptas a garantir os resultados que se perseguem.

Quanto ao nosso carisma: notei com prazer que recentíssimamente afluou de novo a atenção para com as culturas e foi retomada sem hostracismos a expressão “áreas culturais”, proscrita por alguns dos que “contavam”.

Devem-se conciliar os demais aspectos, sem eclipsar o que não está a ser tratado no momento: Culturas, Religiões, Sobrevivência... e a moldura em que se desenvolve nossa reflexão e ação, nos contextos

- a) social e político, com tudo o que comporta de testemunho, formação, envolvimento
- b) eclesial: igreja aberta, missionária, não sentada. Igreja fundada na economia sacramental, com os sacramentos entendidos não como “ajudas”, mas como intervenções no sentido do “ser”, ontológico. Onde também o motivo da “missão” não reside no facto que os irmãos que não conhecem a Jesus “perdem-se”. A teologia, de maneira particular no Concilio Vaticano 2º com a declaração “Nostra aetate” sobre as religiões naturais abateu-se sobre aquela motivação como uma trovoadas. Quer Ratzinger, quer p, Gheddo, numa análise lúcida, descrevem o desmoronar das vocações missionárias baseadas na “perdição” dos que não conhecem a Cristo; apesar de que os que tiveram como motivação o “caritas Christi urget nos” passaram sem crises através das afirmações da teologia contemporânea.
- c) O nosso carisma nos coloca na Igreja como “pontas de diamante” na evangelização de pessoas, culturas, valores, etc. A qual coisa pode ser feita de forma optimal não ficando somente fechados na torre de marfim duma biblioteca, duma universidade em que se pesquisa, mas sim, além do que com a pesquisa, caminhando lado a lado, pacientemente, com quem aceita o Evangelho na sua vida e, dia a dia, tenta traduzi-lo

numa forma nova de viver, num autêntico processo de inculturação teológica, vital (ou “vivencial”), capaz de mudar a fisionomia dum povo.

Bissau 9.05.2014 p. Giuseppe Fumagalli